



- *um espaço de reflexão crítica sobre as correntes e movimentos sociais do nosso tempo*
- *um estímulo à criação de modelos alternativos de vida em sociedade*
- *um olhar de fé sobre o hoje e o amanhã da história que vivemos*

REFLEXÕES SOBRE O PODER

FORMAS DE PODER

Para analisar o poder teremos que distinguir entre as suas diversas formas ou manifestações:

Poder explorador

É a forma mais simples e mais destrutiva que o poder pode assumir. O poder explorador consiste na sujeição das pessoas a fins determinados por aqueles que detêm o poder. A escravatura é o exemplo mais óbvio: uma só pessoa tem poder sobre os corpos, ou melhor, a totalidade do ser de muitas pessoas.

O poder explorador identifica o poder com a força. Na vida diária esta forma de poder é, sobretudo, exercida por aqueles que se sentem, de algum modo, rejeitados e cujas vidas são tão vazias que não têm outras formas de se relacionar com as pessoas senão a exploração. Na base deste poder está a violência ou a sua ameaça. O seu exercício não deixa às vítimas qualquer margem de escolha.

Poder manipulador

Trata-se de um poder que se exerce **sobre** outra pessoa. A passagem do poder explorador para o poder manipulador traduz-se pela substituição da força pela astúcia.

Muitas vezes se tem dito que os alemães, nos anos a seguir a 1933, se encontravam num estado de tal desespero e instabilidade económica acerca do futuro que sucumbiram ao poder manipulador de Hitler, na esperança de que isso apaziguasse a sua ansiedade. Dado o desespero e ansiedade de muitos homens e mulheres do nosso tempo, existe um perigo semelhante de que as pessoas se deixem conduzir às cegas, na esperança de encontrarem a segurança que procuram.

Poder competitivo

Esta terceira forma de poder é **contra** um outro. É uma forma negativa, que implica que uma pessoa sobe, não por aquilo que faz ou pelo mérito que tem, mas porque o seu adversário desce. São múltiplos os exemplos desta forma de poder, no mundo industrial e no mundo universitário. Basta pensar na forma como se processa a escolha de pessoas para cargos directivos ou na concorrência que se estabelece entre os estudantes na corrida às notas. O poder competitivo exerce um efeito deteriorador sobre a comunidade humana em que se faz sentir, embora de forma muito menos drástica que o poder manipulador.

É, aliás, importante notar que desenha entre estes dois poderes a fronteira entre aquilo que se pode considerar poder destrutivo e poder construtivo. Com efeito, o poder competitivo pode trazer energia e vitalidade às relações humanas. Há certas formas de rivalidade que são estimulantes e construtivas. Um desafio de futebol, em que um dos lados manifesta, à partida, uma superioridade nítida, deixa de ser interessante. A competição não é, necessariamente, destrutiva; só são destrutivas certas formas de poder competitivo.

Poder protector

É uma forma de poder que se traduz no cuidado **para com** os outros. A melhor expressão é talvez o cuidado que os pais normalmente têm pelos filhos. Trata-se de um poder, não apenas porque os filhos, durante alguns anos, precisam do esforço e da atenção dos pais, mas porque, ao longo de toda a vida, em circunstâncias várias, experimentamos prazer na solicitude que exercemos sobre os outros. Este tipo de poder pode, como é óbvio, degenerar em protecção

nismo possessivo por parte de alguns, mas é indiscutivelmente necessário e válido na relação entre amigos e entre pessoas que se amam.

A relação que se estabelece entre professor e alunos, no ensino, é um bom exemplo. Do mesmo modo, também na governação, na sua forma mais nobre, há elementos de poder protector. Daí a imagem do «pai» projectada em certos grandes estadistas. O poder protector é, nesses casos, o aspecto construtivo do poder político e diplomático.

Poder integrador

O poder integrador exerce-se **com** a outra pessoa. O meu poder estimula o poder do outro. Um amigo meu costumava enviar-me textos do livro que estava a escrever para eu os criticar. Para evitar prejudicar de algum modo a sua criatividade, eu procurava não manifestar qualquer reacção negativa; depressa, porém, o meu amigo me fez chegar o seu protesto impaciente: «quero ser criticado».

Estive tentado a chamar a esta forma de poder, «poder cooperativo», mas dou-me conta de que, à partida, não se trata de uma verdadeira cooperação. O nosso narcisismo revolta-se contra as feridas que deixam em nós as críticas dos outros e isso pode fazer-nos refugiar em outras formas de poder: podemos tentar usar o poder manipulador, reduzindo a crítica ao silêncio; o poder competitivo, esmagando a crítica com os nossos argumentos; ou o poder protector, olhando o crítico de forma paternalista como se fosse ele que estivesse confundido e precisasse do nosso cuidado.

Estas cinco formas de poder estão obviamente presentes na mesma pessoa em alturas diferentes. Muitos homens de negócios que exercem poder manipulador ou competitivo nas relações de trabalho, revestem-se de poder protector nas relações de família. Ninguém pode evitar experimentar, em desejo e em acção, todas estas cinco formas de poder e só uma atitude de auto-convencimento extremo poderá levar alguém a dizer que se considera imune de qualquer delas.

O importante é aprendermos a ser lúcidos sobre a forma como se exerce o nosso poder em cada situação.

Rollo May
in «Power and Innocence»
Delta, N. Y. 1976

A APARÊNCIA DO PODER

Não vale a pena acrescentar seja o que for ao inventário clássico das funções do poder elaborado pelos sociólogos: função de **coerção** (exercício da violência legítima), função de **gestão** (tomada a cargo de um sector de interesse colectivo), função de **definição** (fixação de objectivos e determinação de uma evolução,

nomeadamente através das tarefas do legislador). Do conjunto ressalta uma imagem relativamente nítida. O poder é a incarnação do geral para além dos interesses particulares, das visões parcelares e da diversidade sociológica. É a instância reguladora, universalizante e homogeneizante. É, em termos exactos, o centro da vida social ou, utilizando uma metáfora, a cabeça do organismo social.

Esta análise tradicional deixa de fora um facto fundamental: para além das suas funções empíricas, o poder desempenha também um papel de natureza **simbólica**.

A lei, a violência, o universal, tais são, esquematicamente, os três elementos do poder. O príncipe define e aplica a lei, impõe-a pela força e ocupa-se das tarefas de interesse geral. Situa-se do lado do justo, da obrigação e do conhecimento do conjunto da colectividade. Na sua actividade não é, porém, só o «fazer» que conta. Há também a **representação**. Para além da sua função prática, o poder representa qualquer coisa para os indivíduos sobre os quais se exerce: representa a força contra a impotência dos desarmados, o saber do conjunto contra os pontos de vista particulares, a legalidade à qual todos se devem referir contra a lei do seu desejo.

Ora, de modo geral, não se tem prestado suficiente atenção a esta representação do poder como **exterior** à sociedade. Porque é da própria essência do poder que ele se exerça no espectáculo do poder. O inútil, no sentido estrito, é, talvez, o mais indispensável. A necessidade mais imperiosa do poder consiste na afirmação da sua vaidade, quer dizer, na construção da sua imagem. O poder está votado à ostentação e à exibição e nesta permanente demonstração da sua exterioridade não se limita a acrescentar um simples suplemento às tarefas «pelas quais é pago», como diz o bom-senso popular. Pelo contrário, obedece à sua vocação mais essencial e conforma-se ao imperativo da sua função. O aparato, o fausto, as cerimónias, a solenidade, o prestígio, a glória, são instrumentos irracionais através dos quais o poder efectua a sua tarefa mais importante.

Em matéria de poder, a aparência é a verdade. A tentação de esvaziar de sentido este aparelho de sinais é, legitimamente, muito forte. O poder revolucionário pretende revestir-se de simplicidade e de familiaridade, distanciando-se da ridícula ostentação burguesa. Vai mesmo ao ponto de apagar as marcas da hierarquia suprema. Acontece, porém, que a lógica social nem sempre se deixa dominar por decretos. Interditos os sinais de poder, eles reaparecem de forma extremamente sofisticada. É o que se passa, por exemplo, na China, onde, segundo Simon-Leys, os sinais exteriores do poder obedecem a um código tão discreto quanto rigoroso (número de algibeiras nas blusas, número de cametas, etc.) sem que isso diminua em nada a sua procura febril. São tanto mais decisivos quanto é preciso fazer de conta que eles não existem,

e tanto mais visíveis quanto é suposto que eles não sejam notados.

A função do poder é, fundamentalmente, a de produzir uma **identidade** no espaço social. Através do poder os agentes sociais tomam consciência de que a sua sociedade deve ser apreendida como um todo e se mantém como um conjunto coerente. Esta significação é de natureza **simbólica**.

*Paul Thibaud
in «Esprit»
Jul. — Aout 1976*

DA IMPOTÊNCIA AO PODER

Quase todas as pessoas fazem hoje, de múltiplas maneiras, a experiência da impotência.

Impotência. Basta estar dia após dia, semana após semana, numa bicha à procura de emprego para saber o que ela significa. Impotência é viver numa casa delapidada e super-povoada e não ter outra escolha. Impotência é a pessoa encontrar-se sozinha, numa rua pouco iluminada, e sentir atrás de si a ameaça da violência.

Impotência. Os velhos não precisam de dicionário. Experimentam-na quando, com os olhos cansados e os membros a doerem de reumatismo, procuram durante horas nas prateleiras do supermercado aquilo de que precisam, para se darem conta, ao passar pela caixa, de que a pensão que receberam da Segurança Social não chega para pagar a lata de atum e os feijões que escolheram.

Impotência. Os assalariados também não precisam de dicionário. Experimentam-na quando os seus salários permanecem fixos e os preços de tudo — alimentação, renda de casa, aquecimento, vestuário, impostos, educação, gás e electricidade, telefone, transportes — sobem e eles se perguntam se pôr de parte os cigarros ou o vinho fará realmente diferença.

Impotência. A maioria negra na África do Sul, as vítimas de qualquer regime totalitário e os prisioneiros políticos por toda a parte conhecem a impotência de não ter outro recurso senão o do governo que os mantém cativos e que é simultaneamente o seu juiz, o seu júri e o seu carcereiro.

Impotência. Experimentamo-la quando, ao ler nos jornais notícias sobre a crescente exploração no Brasil da floresta amazónica — floresta conhecida como «os pulmões do mundo» e que produz 25% da reserva de oxigénio existente na terra — tomamos consciência que um só governo ditatorial a controla, sem se sentir responsável perante o conjunto da humanidade.

Impotência. Experimentamo-la quando os nossos governos gastam mais do que 50% do orçamento nacional em despesas relacionadas com a defesa e, no entanto, não se atrevem a garantir, apesar de todos os artificios da diplomacia, que haverá vida no mundo

de amanhã. Quando, trinta anos depois de Hiroshima depois de um sem número de manifestações contra as armas nucleares, depois de todos os apelos à razão e ao coração que se fizeram ouvir, se verifica, não o desmantelar do poder nuclear mas a proliferação de armas atómicas, armazenadas em stock contra nós e contra os nossos filhos.

Impotência. Os nossos governantes também sabem o que ela é, embora tenham dificuldade em admiti-lo, sobretudo em anos de eleições. Sabem que os seus planos de estabilização da economia, cuidadosamente elaborados, e as suas declarações de coexistência pacífica, constantemente actualizadas, são, afinal, extremamente frágeis; o mais ligeiro sopro provocado por decisões unilaterais de outros governos e de forças económicas e monetárias mundiais pode abalá-las.

É importante termos consciência de que o crescente sentimento de desespero e de impotência que experimentamos não deve atribuir-se ao facto de nos encontrarmos face a múltiplos problemas sem solução. Problemas e crises fazem parte da história da humanidade em todas as suas etapas.

O que hoje agrava o sentimento de insegurança é, não o número de problemas a que os homens têm de fazer face, mas a sua complexidade. Não existem hoje questões isoladas; todos os problemas estão inter-relacionados. A questão do emprego não se pode resolver sem ligação com as questões da inflação e da balança de pagamentos. A questão da pobreza não se pode resolver senão em relação com o problema do emprego que, por sua vez, está relacionado com a inflação e com os problemas da balança de pagamentos. A questão da fome está relacionada com a questão da pobreza, que tem a ver com a questão do emprego, que...

Por outro lado, a presente situação de impotência não deve atribuir-se exclusivamente à ausência de estruturas adequadas para fazer face à crise actual. Os sistemas só por si não chegam para curar as doenças que caracterizam qualquer civilização. A ambição, o materialismo, a corrupção, a ignorância e a apatia não desaparecem só porque se dá uma mudança de sistema político ou económico. Se queremos caminhar para uma comunidade mundial viável, teremos que basear-nos numa ética comum, numa procura colectiva de justiça, em valores filosóficos e espirituais, por mais elementares que sejam.

Só assim seremos levados a acreditar que a nossa aparente impotência não é realmente impotente. Em conjunto, a humanidade possui os recursos, as capacidades, a energia e os conhecimentos necessários para criar não só um futuro que assegure a todos as necessidades mínimas de sobrevivência, mas um futuro que abra a história, pela primeira vez, para a actualização de um maior potencial humano.

*Gerald and Patricia Mische
in «Toward a human world order»
Paulist Press, 1977*

...Começareis pelo respeito.

Não voltareis a dizer: aquela velha que acende uma vela e que mastiga jaculatórias é uma supersticiosa. Ou: aquele homem enamorado de uma criança é um maricas. Ou: aquele revolucionário azedo é um duro. Ou: aquela mulher desabrida e possessiva dos filhos é uma doente. Não direis nada disso. Não voltareis a meter o vosso irmão ou o vosso semelhante numa prisão.

Não matarás.

Começareis pelo respeito.

Não voltareis a dizer: Deus é isto ou aquilo, existe ou não existe (quer dizer: é como eu o imagino, ou, segundo a imagem que dele faço, Ele não existe). Não me fareis dizer aquilo que vos convém. Não vos servireis daquilo que de mim vos chega remotamente aos ouvidos para justificação dos vossos crimes.

Não farás de mim qualquer imagem.

Começareis pelo respeito.

Não vos lançareis nisto ou naquilo segundo o humor, segundo o poder que vos conduz, segundo a moda, as conveniências, a comodidade. Permanecereis firmes como a rocha, irredutíveis no que se refere à verdade e à justiça. Mas sabereis que a verdade, como a justiça, não são vossas e que nada me faz mais horror do que o fanatismo, a odiosa apropriação dos bens sem preço. Não prestareis veneração nem ao dinheiro, nem à violência, nem aos poderes, nem aos prazeres, nem a nenhum senhor, ou mestre, ou pai, nem a vós-mesmos. Sereis livres.

Não terás nenhum outro Deus senão eu.

Começareis pelo respeito.

Deixareis pai e mãe a fim de construídes a vossa própria vida, sob o meu sol. Não substituireis o vosso pai e a vossa mãe por quem quer que seja, nem mesmo, e sobretudo nunca, sob pretexto de me servir melhor. Deixá-los-eis, distanciar-vos-eis suficientemente para os reconhecerdes tal qual são, para os conhecerdes homem e mulher, semelhantes aquilo que vós sois, e para lhes manifestardes gratidão por vos terem dado a vida. Porque mesmo que eles não vos tenham querido ou desejado — ou que vos tenham transmitido o seu mal e a sua miséria — deram-vos a vida; qualquer coisa que os ultrapassa e que vem de mim, passou através deles, e vós nas-

cestes, vós que, sem eles, não existiríeis. Assim vos reconciliareis (quem sabe se com grande esforço) com as vossas próprias raízes.

Honrarás pai e mãe.

Começareis pelo respeito.

Não retirareis ao outro aquilo que é o seu bem, aquilo que faz parte da sua vida, o que o faz viver, o que o sustenta na sua existência. Não vos apodereis do seu alimento, do seu trabalho, da sua casa, daqueles que ele ama: a sua mulher, os seus filhos, os seus irmãos, os seus amigos. Não lhe roubareis as suas certezas, a sua esperança, o seu desejo, a obra em que ele está empenhado, o seu coração, as suas mãos. Não o despojareis da sua vida. Nem da sua morte. Não lhe arrancareis à força nada daquilo que o mantém vivo. Não tomareis para vós o bem de outrém.

Não tomarás para ti a mulher do teu próximo.

Começareis pelo respeito.

Não chamareis a ninguém covarde, malandro, vadio; não chamareis a ninguém burguês, negro, mulato, agente da CIA ou da KGB — sabendo, aliás, que aquilo que na vossa boca é uma injúria pode ser, para o outro, motivo de dignidade. Não manchareis a palavra humana onde eu estou presente, não manchareis a vossa palavra pela negação da justiça, o convite enganador, o desprezo insultante, a distorção da verdade, a chantagem ou o que quer que seja que induza o outro no erro ou na infelicidade. Se falardes mal de mim, eu serei tolerante, porque de mim vós nunca sereis capazes de falar adequadamente; saberei ouvir os vossos gritos, as vossas imprecações, os vossos murmúrios e saberei mesmo compreender que, não me conhecendo ou sendo conduzidos a ver-me de modo diferente daquilo que eu sou, possais chegar a maldizer-me ou a desinteressar-vos de mim. Mas não vos perdoarei se vos obstinardes em esmagar aquilo que testemunha de mim junto de vós: o respeito pela verdade, o respeito pela vida e, sinal entre os sinais, o respeito por aquele que vos é semelhante, o outro homem.

Não blasfemarás. Não levantarás falso testemunho.

Maurice Bellet
in «Le lieu du combat»
Desclée, Paris 1976